

Um município aposta no futuro e acerta no presente

Em Icapuí, premiada pelo Unicef, merenda e transporte administrados por pais e professores não falham

• ICAPUÍ (CE). Até se mudar para Icapuí, no ano passado, Ivonilda Rodrigues da Silva, de 11 anos, não sabia ler, contar ou escrever. Mas a escola fez uma revolução na sua cabeça. O Centro Vocacional Pedagógico do Bairro Belém, onde estuda com os dois irmãos, tem, a exemplo das 32 escolas rurais de Icapuí, amplo espaço para lazer. A merenda e o transporte escolar, administrados por um conselho de pais, professores e alunos, nunca falham. Ali Ivonilda teve contato, pela primeira vez, com computadores e com teatro, música, dança e ginástica olímpica. Quando chegar à 5ª série, poderá desfrutar de outros privilégios, entre eles o de escrever e editar o jornal mensal da escola.

Filhos de pais que ganham a vida humildemente na pesca da lagosta e nas lavouras, Ivonilda e 95% das crianças de Icapuí tinham tudo para ter um futuro pouco promissor se a Prefeitura e os moradores não tivessem iniciado, há 11 anos, uma ação conjunta que ficou conhecida como Universalização do Ensino.

Espaços ociosos foram transformados em salas

O diretor do Departamento de Ensino, Clotenir Damaceno Rabelo, lembra que, com arrecadação mensal de R\$ 130 mil e, na época, com apenas oito escolas, a Prefeitura e os moradores tiveram que tomar atitudes drásticas para enfrentar o analfabetismo.

— Inicialmente todos os espaços ociosos viraram salas de aula. Depois as escolas foram sendo construídas e professores foram contratados — conta, acrescentando que, nos primeiros anos, a Prefeitura investiu até 80% do orçamento em saúde e educação.

O projeto, que em 1991 ganhou o Prêmio Internacional Criança e Paz do Unicef, fez numa década o índice de analfabetismo baixar de 51% para 19% e a evasão escolar cair de 23% para 9%. O município, que em 1986 tinha apenas 800 alunos matriculados, conseguiu zerar o déficit com a construção de 30 escolas, o que elevou para 5.300 o número de matrículas.

— Hoje só não estuda quem não quer — diz Clotenir.

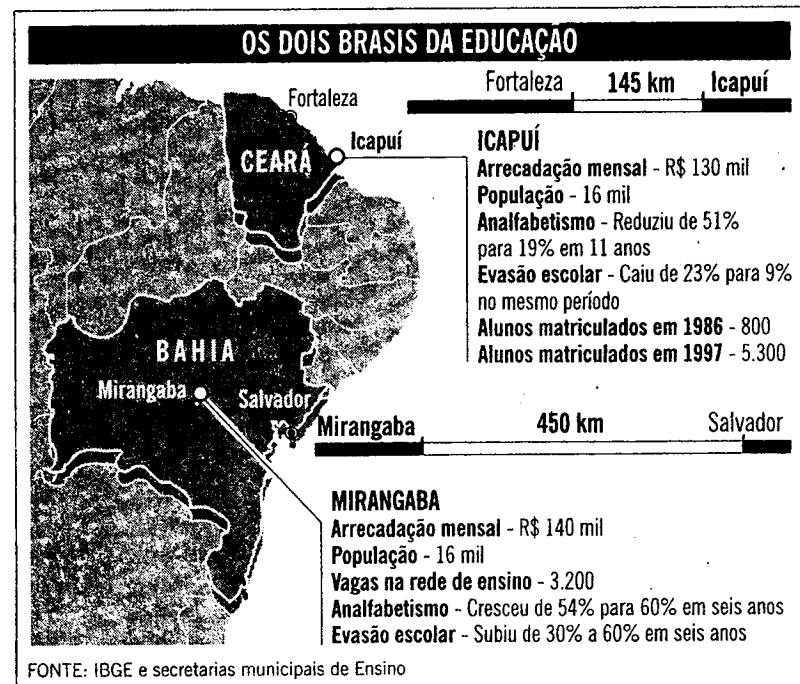
O entusiasmo pela escola se reflete na rotina de Ivonilda, que, quando chega em casa, depois da aula, tenta ensinar o pai, o lavrador Raimundo da Silva, de 40 anos, o que aprendeu. A menina primeiro ajuda a mãe nas tarefas domésticas. Depois, improvisa um quadro-negro e consegue atrair o pai, amigas e vizinhas.

Trabalhando 12 horas por dia na colheita do caju em troca de salário-mínimo, Raimundo pouco aprende nas aulas com a filha. Mas, diante do entusiasmo de Ivonilda, reconhece que a professora Joana D'Arc da Silva estava certa quando, numa visita no início do ano passado, garantiu-lhe que a escola traria de volta a alegria dos três filhos.

Professores passam por reciclagem a cada 15 dias

Para a professora Linelde de Carvalho, de 32 anos, do Colégio Mizinho, o grande mérito do projeto foi ter resgatado a cidadania e o amor próprio das crianças e dos moradores. Formada em pedagogia pela Faculdade de Mossoró (RN), Linelde, a exemplo das demais professoras, é obrigada a passar a cada 15 dias por cursos de reciclagem ministrados por professores da Universidade Federal do Ceará. A professora, que recebe R\$ 500, explica que as escolas adotam o construtivismo, que leva em conta as experiências dos alunos, e os métodos de Paulo Freire, que preconizam a aplicação das experiências da escola à vida da comunidade.

Os primeiros filhos do projeto, que tinham tudo para estar na roça, hoje ganham a vida transmitindo cultura, educação e esporte às outras crianças. Antonieta Amorim, de 20 anos, é diretora de Cultura; José Wellington Carlos Lima, de 21, professor de balé clássico e ginástica olímpica; e José Robson de Almeida, de 15, maestro da Orquestra Sons de Flautas. A história deles não difere muito da dos demais jovens do município: filhos de pescadores e lavradores, receberam cursos



gratuitos nas áreas em que hoje atuam e, apesar de continuarem estudando, trabalham no projeto de cultura e esportes.

Responsável pelo Departamento de Literatura, Paulo Sérgio Costa, de 19 anos, que estuda letras em Mossoró (RN), explica que a educação contagiou a cidade de maneira tão intensa que não passa pela cabeça dos jovens se mudar para centros maiores.

— Como uma corrente que passa de geração para geração, os jovens sentem necessidade de levar à frente o projeto — diz.

Formada por 32 alunos da Escola Gabriel Reis, a orquestra regida por Robson exemplifica bem essa corrente. Pelo menos duas vezes por semana apresenta em creches e escolas de Primeiro Grau uma coletânea de cantigas populares, que ganhou o nome de "Sinfonia na Onda da Alegria", e tem o objetivo de ajudar na alfabetização dos alunos.

Demonstrando preocupação com as crianças, Mauro Alexandrino, de 14 anos, Alex Sandro Costa e Maria José de Oliveira, de 13, discutem com o maestro e os alunos a metodologia e as canções. Os alunos adquiriram esse senso de responsabilidade na Escola Gabriel Epitácio Reis, onde

têm a tarefa de elaborar um jornal e até comandar a sala de aula na ausência do professor.

A euforia cultural ganha as praças e bairros com a realização de shows de artistas da terra, feiras de artes plásticas e a exibição gratuita de filmes e de grupos de teatro. Seguindo o princípio de que o conhecimento deve ser entendido à comunidade, a revolução do ensino com esse viés artístico tem ajudado o município também a superar suas crises, como a que reduziu este ano em 50% a pesca da lagosta. Dez adolescentes do grupo de teatro de rua Flor do Sol passaram a escalar uma rocha de 30 metros de altura para ensaiar ao ar livre a peça "Pesca da lagosta".

Encenada ao vivo todos os domingos nas praias, a peça ensina a comunidade a lidar com o turismo e a respeitar o ciclo da pesca, para torná-la menos predatória. Filhos de pescadores do Bairro Redonda, os integrantes do grupo têm em torno de 16 anos, estão cursando o Segundo Grau, são fãs do ator Paulo Autran e pretendem ingressar numa faculdade na vizinha Mossoró (RN).

O trabalho de conscientização dos pescadores foi reforçado com a implantação, em janeiro,

do projeto Enquanto os Barcos Dormem. O programa foi implantado nos dois meses em que a pesca da lagosta esteve proibida pelo Ibama, quando a Prefeitura conseguiu atrair para as escolas 160 pescadores. Em troca do comparecimento assíduo às aulas, os pescadores receberam cestas básicas de alimentação.

O resultado superou as expectativas. Mesmo após o fim do curso, o pescador Raimundo Nonato da Silva, de 53 anos, resolveu continuar na escola, tornando-se um dos 200 integrantes do Escola Aberta, programa de alfabetização de adultos. Apesar de passar mais de 15 horas no mar, ainda encontra forças para assistir às aulas no Bairro Redonda.

Próximo desafio da Prefeitura é a geração de empregos

Para o prefeito Dedé Teixeira (PT), que é geólogo, a crise da lagosta reforçará ainda mais o próximo desafio: a geração de empregos. Nos planos do prefeito estão o aperfeiçoamento do turismo e a implantação de salinas e de uma escola que ensinará os pescadores a explorar outros tipos de pescado. A Prefeitura conseguiu sanar o problema da saúde (todos os bairros têm hospitais equipados que distribuem remédios), que foi municipalizada, e trabalha para aperfeiçoar ainda mais o programa educacional. A partir de agosto, a Prefeitura terá condições de oferecer aumento de 25% aos professores com a implantação do Fundo Nacional de Educação em Icapuí.

Segundo o prefeito, Icapuí, que já recebe complementação de verba de R\$ 42 mil do Governo do Ceará e R\$ 80 mil de outros convênios, por ter municipalizado a educação, mais uma vez poderá usufruir em primeira mão de um benefício distribuído pelo Governo federal.

— A política governamental definida pela Lei de Diretrizes e Bases e o fundo que passará para a comunidade em 1998 a administração dos recursos de saúde e educação já foram implantados há mais de uma década — diz. ■